

RAZÃO E EXPERIÊNCIA NO *THESAURUS PAUPERUM* DE PEDRO HISPANO

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

Uma das figuras mais notáveis da cultura portuguesa é, sem dúvida, Pedro Hispano e, no entanto, o conhecimento exato da sua vida e obras está sujeito a dúvidas que dificilmente se desvanecem. Muitas das obras que lhe são atribuídas estão por publicar ou só recentemente começaram a ser estudadas. E, contudo, uma delas foi Livro de referência para os estudiosos de quase toda a Europa (com a notável exceção de Inglaterra). Referimo-nos, como todos sabem, às *Summulae Logicales*, que o autor da *Divino Comédia* exaltou para sempre (*Paraíso* XII. 133-135):

Hugo da San Vittore e cui con elli, e Pietro Mangiadore e Pietro Ispano, lo cual giú luce in dodici libelli.

Os doze livros assim singularizados são precisamente as *Summulae Logicales*, copiadas e comentadas mais de trezentas vezes e editadas cerca de duzentas. Contudo, tiveram de esperar até 1972 por uma edição crítica digna desse nome, a do professor holandês De Rijk, Não menos digna de menção é a tese de doutoramento, sustentada em Heidelberg, também em 1972, por Joachin Telle, *Petrus Hispanus in der altdeutschen Litteratur*, na qual se demonstra que as *Summulae Logicales* foram tantas vezes vertidas para alemão, a partir de cerca de 1300, que permitem alcançar um melhor conhecimento da evolução da prosa em Antigo Alemão. Porém, ao lado do filósofo, perfila-se o médico, não obstante as dúvidas que continuam a suscitar-se sobre a identidade de um e de outro. Tudo isto se coaduna com um facto indesmentível: é no século XIII que se criam as primeiras universidades.

Lembre-se, no entanto, que não é aí que o ensino dessa arte recomeça, em plena Idade Média, mas numa escola especial, a de Salerno, que, datando do século IX, foi extinta por Napoleão dez centúrias depois, e que terá comportado, segundo Karl Sudhoff (citado por Luís de Pina no seu prefácio ao *Regimen Sanitatis Salernitano*, Porto, 1963), um primeiro período até à chegada de Constantino o Africano, que traduziu para latim obras árabes, e alcançou o seu esplendor após a conquista normanda.

Existe, no entanto, outra tradição, segundo a qual a Escola teria sido fundada por quatro personagens: Salerno, que preleccionava em latim; Helinus, que ensinava em hebraico; Abdala, que dava as suas aulas em árabe; Pontus, que se exprimia em grego. Autêntica ou não, é certo que é nela que confluem e se transmitem as principais formas do saber médico de então. Outra questão ainda é saber se realmente Pedro Hispano a frequentou. Se, na verdade, o fez, foi já numa fase em que ela entrava em declínio.

De qualquer modo, é já no começo do século XIII que surgem as primeiras universidades, em Bolonha, Paris, Montpellier. Estas duas últimas tornaram-se famosas na área da medicina. E aqui, mais uma vez, as opiniões dividem-se: em qual delas teria estudado Pedro Hispano? Segundo dados recentes divulgados entre nós por J.M. da Cruz Pontes no *Dicionário de Bioética* s.v. "Pedro Hispano", entre os rascunhos então papa João XXI encontrou uma bula *Flumen aquae vivae*, endereçada ao bispo de Paris, mas que não chegou a ser expedida, que parece responder às nossas dúvidas. Transcrevemos do referido dicionário, p. 886, o passo que nos interessa: «Prende-nos ao mesmo Estudo um affecto também especial que de há muito lhe ganhámos. Com efeito, tendo vivido nos seus lares durante muito tempo desde os tenros anos, aí nos

dedicámos com diligência ao estudo das várias ciências, e, permanecendo por muitos anos junto ao curso do rio, provámos as libações saborosíssimas dessas mesmas ciências, tanto quanto o Senhor da Majestade, doador da verdadeira sabedoria, nos concedeu».

Que Pedro Hispano foi, não só médico, mas professor de medicina na universidade de Siena, prova-o o manuscrito I 530 do Arquivo Municipal de Mainz, do século XIV-XV, que nos referiu João Ferreira, em cujo *incipit* se lê, entre outras afirmações: «Magistri Petri Yspani Compostellanensis, mediei Salerni ... senensis civis artis Medicine professoris». Ora, o que se afirma no códice em referência, como já há tempos procurei mostrar, é que ele era "Sen. civis artis Medicine professoris". A abreviatura foi durante muito tempo desdobrada -em "senex", o que alterava de forma espetacular o que se tinha como data aproximada do nascimento de Pedro Hispano. Se a desdobrarmos em "Senensis", eliminaremos sem dúvida esta dificuldade, conforme julgamos ter provado no nosso artigo "Um manuscrito inédito do livro *De conservando sanitate* de Pedro Hispano".

Se até agora percorremos apenas parte das dúvidas que persistem em volta da figura e da obra de Pedro Hispano, é chegada a altura de analisarmos o seu método na elaboração do *Thesaurus pauperum*. Seguiremos a edição crítica que dele elaborámos em 1973.

O livro é formado por 48 capítulos de dimensões muito variáveis (nesta contagem não incluímos, por apócrifos, o *De crepatura* e o *De anthrace*), e considerámos o *Tractatus de febribus* como independente. Ficámos mesmo assim com um longo receituário, selecionado em diversos autores de diferentes épocas, e acrescido, não raro, de adições do próprio, adições essas que, excetuando o primeiro capítulo, contêm também receitas do nosso Autor (ao todo 45 têm essa proveniência). E não só receitas, como comentários, que vão desde os mais elogiosos - como *Mirum est*, *Summo est medicina*, *Multum valent*, *Optimum est experimentam* ou *Probatum est experimentam* - à sentença oposta, como *Molestam est nimis*.

Os exemplos poderiam multiplicar-se, mas talvez mereça uma especial menção a preocupação várias vezes expressa em sublinhar o testemunho presencial assinalado em frases como o *Et ego vidi* ou *Hoc ego vidi*.

Por outro lado, note-se que no texto do *Thesaurus pauperum* cada receita ostenta habitualmente o nome do proponente. Ou, no caso de ser o próprio organizador da coletânea, *Hoc ego* ou *Istud ego*. Com muita frequência, figura também um comentário sobre a validade da prescrição, como *Certum est experimentam* (VII.12), *Miram est experimentam* (XVI.18), *Pluries probatum est* (XXI.35), *Maximum est remedium* (XXVIII.10), *Efficax valde* (XLIII.12) *Summa medicina est* (VIII.55). Um caso excepcional é o de uma complexa receita que termina "hoc ex auctoribus collegi" (XXII.4).

Porém, embora muito raramente, também se verifica o oposto, conforme sucede numa receita como esta: *Molestum est nimis* (XL.15).

É, contudo, no prólogo que se encontram expostos com rigor os princípios e propósitos do *Thesaurus pauperum*, uma obra preservada em mais de 70 manuscritos, arquivados em bibliotecas que se estendem pela Europa fora, desde o Porto a Moscovo. Note-se que o excelente e meticoloso livro de José Franco Meirinhos, *Bibliotheca Manuscripta Petri Hispani : Os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011), enumera 1024 códices no total. E lembre-se ainda que o célebre tratado

foi impresso, não só em latim, como em diversos idiomas, como o italiano, inglês, alemão, hebraico, catalão, dinamarquês.

Ora, o prólogo, dizíamos, concentra, de uma maneira clara, os princípios deontológicos a observar. Para além das afirmações de caráter religioso com que principia (uma do Velho Testamento, outra mais adiante com uma parábola do Novo), percebemos nele os ecos do Juramento de Hipócrates (ainda proferido em diversos países e retomado no nosso desde os últimos anos do século passado), dos *Aforismos*, da *Medicina Antiga*. Sem esquecer uma afirmação de modéstia, declara empreender uma obra superior às suas forças e acentua o cuidado com que investigou as suas fontes, quer antigas quer modernas, e o rigor com que as menciona. Mas, pelo meio destas declarações, sobressaem os princípios da deontologia médica: não aplicar os medicamentos sem atentar na espécie da enfermidade e na natureza do doente; não empregar remédios de efeito mortal (perda de vida, provocação do aborto, ou impedimento de gravidez); resistir à atração do dinheiro ou da paixão.

Longo e acidentado tem sido o caminho do homem na procura do bem-estar físico. Para além do que se sabe ou julga saber sobre as sociedades orientais, surge-nos no século V a.C., numa ilha do Mar Egeu, o criador da Medicina como ciência. Mas já antes de Hipócrates se fazia sentir a ânsia da melhoria das condições físicas do homem. Já entre os chefes aqueus que sitiavam Tróia, dois deles, Macaão e Podalírio, descendentes de Asclépios, deus da saúde, eram médicos e acudiam conforme podiam às situações mais graves. E já então a veneração por eles se exprimia neste verso muitas vezes citado:

Um médico vale por muitos homens.